



Revista Affectio Societatis

Departamento de Psicoanálisis

Universidad de Antioquia

affectio@antares.udea.edu.co

ISSN (versión electrónica): 0123-8884

ISSN (versión impresa): 2215-8774

Colombia

2013

Karla Rampim Xavier & Patrícia P. Ferreira-Lemos

SUJEITO E SINTOMA SOCIAL: DA REDE ÀS RUAS

Revista Affectio Societatis, Vol. 10, N.º 19, diciembre de 2013

Art. # 5

Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia

Medellín, Colombia

SUJEITO E SINTOMA SOCIAL: DA REDE ÀS RUAS

Karla Rampim Xavier
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil¹
karla.rampim@gmail.com

Patrícia P. Ferreira-Lemos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil²
patricia.ferreiralemos@gmail.com

Resumo

Os laços sociais atuais eclodem nas redes sociais virtuais e, ao mesmo tempo e em situações contingenciais, alcançam praças, ruas —ou espaços públicos de um modo geral— em decorrência do mal-estar e sensação de desencanto que assola os sujeitos e os coloca em ação. De acordo com Lacan, a partir da leitura que faz de Marx, podemos afirmar que o sintoma é aquilo que faz desordem, isto é, uma oposição frente ao discurso de mestria. Diante disso, questionamos: este cenário composto pelas novas tecnologias nos permite dizer do surgimento de um 'sujeito contemporâneo' ou de um 'novo sintoma social'?

Palavras-chave: laços sociais, mal-estar, sujeito, sintoma.

SUBJECT AND SOCIAL SYMPTOM: FROM THE WEB TO THE STREETS

Abstract

Social links stem from virtual social networks and they may at the same time (and under contingent circumstances) reach public squares and streets —or public spaces in general— as a consequence of the discontents and disenchantments which afflict the

1Psicóloga y psicoanalista. Magíster en Psicología Social – Núcleo de Psicoanálisis y Sociedad– de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP). Participante de Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Miembro de Movimento Lacaniano do ABC y gestora de política pública de la prefectura de Santo André, SP.

2Psicóloga y psicoanalista. Doctoranda del Núcleo de Psicoanálisis y Sociedad del Programa de Estudios de Posgrado en Psicología Social de la Pontificia Universidad Católica de São Paulo (PUC-SP). Magíster en Psicoanálisis, Salud y Sociedad, Universidad Veiga de Almeida (Rio de Janeiro-RJ). Becaria de CNPq.

subjects and place them into action. According to Lacan and his reading of Marx, we may say that the symptom is that which makes disorder, *i.e.*, an opposition to the discourse of the master. In this light, we raise the question: does this new scenario, composed by new technologies, license us to assume the birth of a 'contemporary subject' or a 'new social symptom'?

Keywords: social links, discontent, subject, symptom.

SUJET ET LE SYMPTÔME SOCIAL: DU RÉSEAU AUX RUES

Résumé

Les liens sociaux d'aujourd'hui surgissent dans les réseaux sociaux, tout en dépendant de conditions imprévisibles ; ils atteignent les places, les rues, les espaces publics en général. Cela est conséquence du malaise et de la sensation de désenchantement qui s'empare des sujets et les force à agir. À partir de la lecture faite par Lacan à propos de Marx, on peut affirmer que le symptôme provoque le désordre, c'est-à-dire, une opposition au discours du maître. On se demande donc : dans ce nouveau scénario composé de nouvelles technologies, pourrions-nous parler de la naissance d'un « sujet contemporain » ou d'un nouveau « symptôme social » ?

Mots-clés: liens sociaux, malaise, sujet, symptôme.

SUJETO Y SÍNTOMA SOCIAL: DE LA RED A LAS CALLES

Resumen

Los lazos sociales actuales surgen en las redes sociales virtuales y, al mismo tiempo y bajo condiciones contingentes, alcanzan plazas y calles —o espacios públicos en general— como consecuencia del malestar y sensación de desencanto que se apodera de los sujetos y los pone en acción. De acuerdo con Lacan, a partir de la lectura que hace de Marx, podemos afirmar que el sintoma es aquello que provoca desorden, es decir, una oposición al discurso del amo. Frente a esto, nos preguntamos: ¿este escenario compuesto por las nuevas tecnologías nos permite hablar del surgimiento de un 'sujeto contemporáneo' o de un nuevo 'síntoma social'?

Palabras clave: lazos sociales, malestar, sujeto, sintoma.

Recibido: 30/06/13
Aprobado: 22/07/13

O tratamento analítico diz respeito ao que acontece no setting analítico a partir de uma escuta do sintoma, isto é, daquilo que particularmente leva cada sujeito à procura de uma análise. No entanto, a práxis psicanalítica é atravessada pelos temas sociais em todo momento, como Freud já havia se atentado e que posteriormente Lacan formaliza elaborando o conceito de sintoma social. Importante lembrar que esta tese só é possível pela influência da leitura lacaniana da obra de Karl Marx articulada à experiência extra consultório.

É igualmente relevante marcarmos que Lacan estava ativamente inserido no contexto das reivindicações políticas de maio de 1968 na França, fato que influencia suas formulações nos seminários ministrados à época, como se pode notar especialmente nas aulas do *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1969-70). É justamente esta articulação entre psicanálise e política que nos serve como ponto de partida para este trabalho, ao propormos pensar se as manifestações que desde 2011 emergiram em diferentes lugares do mundo e que utilizaram as novas tecnologias enquanto dispositivos de conexão —desde as mensagens de smartphones às redes sociais na internet, como o *Twitter*³ e *Facebook*⁴— trazem em suas bases algo que nos permita questionar se se trata da composição de um ‘sujeito contemporâneo’ ou de algo que aponta para um ‘novo sintoma social’. Ou seja: estas transformações que ocorrem no Outro modificariam o que é estrutural do sujeito ou da sociedade?

Queremos acreditar que a reunião de pesquisas em psicanálise pode (e deve) também trazer um caráter reivindicatório e, ao mesmo tempo, contribuir para questões atuais da sociedade ao se atentar sobre a crise que assola de forma generalizada os mais variados seguimentos no capitalismo tardio, cujas implicações observamos com certa frequência, quer seja nos consultórios, nas instituições nas quais estamos inseridos ou em nossas investigações teóricas. De outro modo, poderíamos usar da razão cínica, da falsa consciência esclarecida, como elaborou o filósofo alemão Peter Sloterdijk (1983/2012) —e sobre a qual tantos outros autores se debruçaram— e nos deixarmos sucumbir ao discurso que nos coopta, corroborando com a figura do sujeito cínico, desenvolvida por Slavoj Žižek (2004/2006). Isto é: apesar da perfeita ciência da distância entre a máscara ideológica e a realidade social, a escolha seria a de insistir na máscara. E quantos não optam por este caminho?

Segundo Vladimir Safatle (2012) pensar é a melhor maneira de agir. Para ele, o pensamento é a única atividade com a força de modificar nossa compreensão do que é um problema, de qual é o verdadeiro problema e do que nos impulsiona a agir. Em contraponto a esta capacidade do pensamento, a sociedade

3<https://twitter.com/>

4<https://www.facebook.com/>

contemporânea dissemina a ilusão da possibilidade de escolhas infinitas, fazendo da ação de 'escolha' um falso agir, prensado por objetos, alternativas e respostas previamente selecionadas.

De certo modo, a reflexão de Safatle é duplamente oportuna. Por um lado, ela se mostra adequada para esta ocasião da publicação de pesquisas em um periódico, ao apresentarmos as ideias e inquietações que circundam e movem nossa ação e/ou práxis; por outro lado, ela também se revela oportuna para a proposta deste artigo, quando propomos uma reflexão sobre os laços sociais atuais que eclodem nas redes sociais, praças e ruas do mundo; provocados, de acordo com Safatle, pelo mal-estar ou pela angústia do desencanto que assola os sujeitos e os coloca em ação.

Freud, no percurso de sua obra, se ocupou com as questões da sociedade, não as afastando do psiquismo. Ao contrário, Freud sempre posicionou o social em relação indissociável às formulações psíquicas; o que se pode constatar desde *Totem e Tabu* (1913), e mais especialmente em textos como *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), *O Futuro de uma Ilusão* (1927), *Mal-estar na Civilização* (1930), *Por que a Guerra?* (1932) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Anos depois, Lacan retoma estas formulações e as desenvolve enfaticamente, ressaltando a intrínseca relação entre o sujeito e o social, obstinadamente destacando a importância da cultura, do simbólico e do discurso na constituição do sujeito.

No artigo *Da subjetividade Contemporânea* (2009), da *Revista A Peste*, o psicanalista francês Sidi Askofaré interroga sobre a possibilidade de falarmos sobre o 'sujeito contemporâneo', isto é, de um sujeito marcado pelo seu tempo e, portanto, pela história que o perpassa, a partir de uma concepção que o toma enquanto assujeitado à linguagem ou como um significante que representa para um outro significante. Esta discussão se complementa e se torna mais efetiva no artigo *Ofrenesi teórico sobre o sujeito do capitalismo tardio*, de Raul Pacheco Filho (2012), ao questionar a concepção de um 'sujeito inédito' em nosso tempo, que indicaria uma modificação na estrutura do sujeito, desconsiderando as transformações no laço social que emergem ao longo do processo histórico.

De saída, afirmamos que pensar na concepção de um 'novo sujeito' e, portanto, validar a existência de um ponto de ruptura que permitiria dizermos de uma transformação na estrutura dos sujeitos, não nos parece contundente. Em nosso entender, as modificações históricas se relacionam às transformações na ordem do discurso, isto é, do laço social. Pensar em uma modificação da ordem da estrutura decorrente do capitalismo tardio, quando se pensa a partir do campo da psicanálise, representaria uma ameaça à fragmentação do próprio campo, além de se sucumbir ao discurso capitalista, sobrepondo a alienação histórica à alienação estrutural do sujeito —vertentes que se relacionam, mas não se confundem e não se excluem—: “[...] em sua

substituição frenética de mercadorias/marcas/modelos, de modo a tamponar a 'falta'. Serve-se o semblante de totalização da 'falta', por meio da troca acelerada e irrefletida dos fundamentos teóricos e conceituais, como modo de se tentar lidar com a impossibilidade de totalização do saber." (Pacheco Filho, 2012: s/p.)

Entretanto, lembramos Askofarè quando ele retoma uma passagem de Lacan no *Discurso de Roma* (1953) articulando sobre a necessidade de que um analista alcance em seu horizonte a subjetividade de sua época. De acordo com Lacan: "[...] como poderia fazer seu ser o eixo de tantas vidas quem nada soubesse da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas." (1953/1998: 322)

Como evidencia Askofarè, Lacan nos indica mais uma vez que o sujeito é efeito do significante, ele está imerso e emerge na linguagem. Assim, o inconsciente é tomado como estrutura, lugar do Outro simbólico, mas é também saber, pois se trata do que desta estrutura se articula no discurso do Outro e que só se pode saber a posteriori. Neste sentido, o Outro (simbólico) é invariável em sua estrutura, mas encontra-se suscetível às mudanças que o circundam e que, conseqüentemente, ecoam em outros termos que o compõem, mais especificamente sobre o *eu* (Askofarè, 2009): "Quem pode contestar as mudanças induzidas no Outro pelo advento do monoteísmo, a invenção da escrita, a emergência da ciência moderna e, mais recentemente, das biotecnologias e da informática?!" (p. 169)

É tendo como alicerce estas considerações, que ponderamos ser importante atentar para a questão dos laços sociais contemporâneos, tomando as transformações em seu modo de atar como expoente da incidência do capitalismo tardio no Outro. Consideramos as redes sociais virtuais, que ora surgem como inimigas, ora como aliadas, como significativo componente deste cenário.

Zygmunt Bauman talvez seja o teórico mais citado na literatura ao indicar a fragilidade e o caráter temporário dos laços na atualidade. Em seus livros *Amores líquidos* (2004) e *Tempos líquidos* (2007) o sociólogo conecta diretamente este fato e o capitalismo tardio. Bauman se refere à precariedade dos laços e elabora que "a exposição dos indivíduos aos caprichos dos mercados de mão-de-obra e de mercadorias inspira e promove a divisão e não a unidade." (2007: 9) A psicanalista espanhola Carmem Gallano, no texto *El amor en la quiebra de los vínculos sociales* (2011), igualmente responsabiliza o capitalismo tardio pela produção de uma fragmentação dos vínculos sociais, na medida em que no discurso do capitalista, o sujeito se reduz a um indivíduo e um corpo, reduzindo os laços a uma relação que descarta o amor —considerado um dissidente do discurso capitalista— e que promove um laço direto do objeto com o sujeito, sem que se

passa pelo simbólico. Os laços sociais, ao serem capturados pela lógica do capital, tornam-se 'relações pessoais', nas quais o outro é descartado quando perde seu 'valor de mercado' ao não satisfazer de forma eficiente. Portanto, destacamos que a partir do capitalismo —no giro discursivo do discurso do mestre para o discurso universitário, conforme indica Lacan (1969-70)— o indivíduo passa a ter um 'valor' na sociedade, carregando consigo certa exigência de felicidade que no período do feudalismo, na vigência do discurso de mestria, não existia.

As redes sociais virtuais, de modo geral, funcionam como uma vitrine desta escassez do amor e se tornaram a máxima para a socialização na atualidade. Este modo de socialização se fortalece através das satisfações que proporciona à fantasia, a partir de identificações imaginárias alimentadas pelo gozo fálico que se pode obter, por exemplo, pelas palavras e fotografias previamente escolhidas para que se apresente ao outro ou que se vê do outro. Neste sentido, em analogia, podemos considerar que a tela do computador desempenha papel semelhante ao da tela da fantasia, protegendo o sujeito do encontro com 'corpos falantes e gozantes', dando um contorno para a realidade com 'reajustes'. Gallano (2011) defende que estes laços não asseguram vínculos libidinais que entrelacem o real e o simbólico com o imaginário, numa espécie (impossível) de nó borromeano desatado, o que impossibilitaria um laço estável com um outro. Entretanto, acreditamos que esta proposta coloca em questão uma distinção entre a vida *online* e *offline* que não nos parece pertinente, pois todas as relações que os sujeitos constituem tem a fantasia enquanto mediadora. Talvez uma alternativa seja pensar as relações que se estabelecem no ambiente virtual enquanto amplificadoras de transformações no Outro que evidenciam características próprias contemporâneas àquilo que é da estrutura dos sujeitos.

É também Gallano (2006) quem sugere que enviamos nossas mensagens como "garrafas lançadas ao mar internáutico", onde não se pode saber se o que se encontra do outro lado é um humano com corpo gozante que recebe as mensagens enviadas. Mas, nos questionamos se em qualquer outra ocasião é possível saber o que se encontra do 'outro lado'... Não é também disso que se trata o mal-estar? Esta 'solidão em rede' poderia ser apreendida enquanto a via que expõem o modo de socialização do capitalismo tardio? Poderíamos pensar que essa enorme oferta de meios e 'facilidades' de se tentar tamponar a falta, certamente, não a faz desaparecer. Ao contrário, como sabemos, ela jamais será 'calada' e sempre irá se manifestar por algum lugar, já que esta, assim como o sintoma, é da ordem da estrutura.

A pesquisadora Sherry Turkle, em *Alone Together* (2011), justamente afirma que na atualidade se espera mais da tecnologia e 'menos' do outro, destacando que cada vez mais as pessoas estão conectadas e simultaneamente mais solitárias. Sua crítica, com viés sociológico, abraça exatamente as coordenadas

apontadas por Gallano e confirmam a relação entre sujeito e objeto, posta no matema do discurso do capitalista. Uma das vertentes do excesso de conectividade que Turkle ressalta é que os sujeitos estão se tornando progressivamente mais ansiosos por comunicação e, conseqüentemente, desconfortáveis quando não estão conectados, exatamente por se sentirem sós na vida *offline*.

Em sua palestra no TED⁵ 2012, Turkle argumenta que quando escreveu seu primeiro livro sobre tecnologia, *Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet* (1995), estava completamente encantada com as facilidades da tecnologia: a conectividade, a troca de informações, o elo possível entre as pessoas e a possibilidade das pessoas explorarem aspectos diferentes delas próprias —o que outros autores também destacam, enquanto possibilidade de desamarras das presas da vida *online*—. Ela acreditava que se poderia aprender mais sobre si no mundo virtual e assim, viver melhor no mundo desconectado. Entretanto, constatou que o encantamento inicial não se provou ao longo dos anos que seguiram e que hoje, se preocupa com o uso que se faz quando se está conectado.

Obviamente, não podemos generalizar e afirmar que é impossível se fazer laço no ciberespaço. As considerações feitas até aqui corroboram com a ideia de Gallano de que as redes evidenciam a escassez do amor e potencializam a dificuldade de fazer laço na conjuntura do capitalismo tardio, seja na internet, seja em qualquer outro espaço. Caso contrário, estaríamos afirmando que fora da rede o laço social não apresenta transformações, e não é o que se sabe.

O amor que enoda o laço ocorre na contingência de um encontro e não está restrito a incidência entre os sujeitos que se conhecem. Freud (1921) afirma que as 'relações amorosas' constituem a essência de grupo, quando considera que nesta situação os indivíduos encontram-se vulneráveis às sugestões por sentirem necessidade de estar em harmonia com os outros, por *amor* aos outros. Esta descrição grupal refere-se à definição freudiana de 'grupo primário', na qual os indivíduos elegem um único objeto no lugar de *ideal de eu* e se identificam a partir do eu. Acreditamos ser este tipo de formação que comporta críticas à alienação grupal em torno de um líder ou uma ideia e que também nos permite pensar na 'prática' e 'confortável' militância que vemos nas redes sociais. Sem esforço, as pessoas podem se engajar em causas políticas ou reivindicações, 'compartilhando' publicações e delineando seu 'eu ideal' nas redes.

Em contrapartida, nos anos de 2011, 2012 e 2013 vimos eclodir em vários lugares do mundo manifestações que tomaram as praças, as ruas e a rede. Vários artigos foram escritos questionando a

⁵ TED é a abreviatura de Technology, Entertainment, Design, uma fundação americana que se dedica a compartilhar ideias sobre questões da atualidade que contemplem seus temas. As palestras ocorrem ao redor do mundo, com pensadores locais ou não, e são amplamente divulgadas em rede.

participação da internet e enfatizando sua importância enquanto um espaço para debates que envolvem a ‘luta pela democracia’ e ‘livre’ circulação de informações. O movimento conhecido como ‘Primavera Árabe’ ganhou forças na Tunísia, Egito e na Líbia com forte mobilização via *Facebook* e *Twitter*. O mesmo aconteceu com o movimento 15-M (Os indignados) na Espanha e *Occupy Wall Street* originário do ‘We are the 99%’, em Nova York, que se espalhou por outros lugares na Europa e América, até mesmo no Brasil —que em meados de 2013 teve suas ruas absolutamente tomadas pela população—.

Essas mobilizações que se deram de forma globalizada têm/tinham, em maioria, reivindicações locais, mas todas elas apontam para o “profundo sentimento de mal-estar e desencanto”, a “angústia do desencanto”, como formula Safatle (2012). Ou seja, “vemos uma mudança fundamental na dimensão afetiva: [...] novos laços sociais paulatinamente apareceram, levando em conta a força produtiva do desencanto” (p. 52). Os movimentos indicam que há algo equivocado com a ‘sociedade globalizada’. É evidente que há diferenças entre as ocorrências na *Praça Tahir* (Egito), em *Wall Street* (EUA) ou na *Avenida Paulista* (Brasil), mas o que não se deve perder de vista “é o descontentamento geral com o sistema global capitalista” (Žižek, 2012).

Esta crise geral do mercado financeiro, que condena e exclui milhões, parece ter se transformado em um sintoma no campo social que faz laço, isto é, que une a multidão. O sintoma, no lugar que o discurso histórico o reserva, “faz, a sua maneira, uma espécie de greve” (Lacan, 1969-70/1992: 98) e, no nosso entender, é justamente isso que vimos —e esperamos continuar a ver— primeiramente se articular nas redes sociais da internet e posteriormente sair e tomar as ruas.



Fonte: <https://twitter.com/JornalOGlobo/status/346753824763019264/photo/1>

Como já afirmamos, é somente o encontro lacaniano com as ideias expostas na teoria de Marx que possibilita a formulação do *sintoma social* como um conceito psicanalítico. Para Lacan, só há um sintoma social no mundo moderno a ser compreendido como o retorno do real no plano social: “Cada indivíduo é um proletário, ou seja, não tem nenhum discurso do qual fazer laço social.” (Lacan, 1974: s/p.) Como aponta Antonio Quinet (2002), no discurso do Mestre há um laço social que se estabelece entre aquele que manda e aquele que trabalha, numa articulação entre o desejo de um e desejo do outro, enquanto que no discurso do capitalista este vínculo entre o senhor moderno (capitalista) e o proletariado não se dá. O capitalista desaparece e oferece lugar a uma figura impessoal, que se representa pelo capital globalizado. Assim sendo, o ‘senhor absoluto moderno’ é o Capital, diante do qual somos todos proletariados.

No entanto, é preciso salientar que antes de elaborar o proletário enquanto sintoma social —o que o faz em 1974-75— Lacan havia articulado a greve neste lugar, justamente em sua formulação que contempla discurso e laço, fortemente influenciado pelas transformações e debates que circularam nas ruas —e por muitos outros lugares, inclusive pelas universidades— com as inquietações oriundas a partir dos movimentos de maio de 1968, especialmente na França. Portanto, marca-se a relevância de questões articuladas a partir do seminário 17, quando também se pode afirmar que há certa reviravolta no que diz respeito a uma teoria do sintoma. Lembramos, no entanto, que as produções ideológicas como sintomas não são necessariamente sintoma social. O ponto que destacamos aqui se liga ao fato que Lacan refere o sintoma diretamente ao discurso e nesse caso ao discurso do mestre. Mais precisamente, Lacan situa o sintoma como objeção ao desejo do mestre. Ora, e qual é esse desejo? É o desejo de que as coisas andem, que as coisas avancem e que funcionem (Askofaré, 1989/1997: 174).

Na composição da teoria dos discursos notadamente se percebe a equivalência entre o discurso do mestre e o discurso de entrada na linguagem (o discurso do inconsciente) e é justo pela via dessa equivalência que Lacan aponta a greve como paradigma do sintoma. Ou seja, é a partir disso que o sintoma encontra seu estatuto de “sinal do que não vai bem no campo do real” ou mais radicalmente “do que vem do real”. Pois bem, podemos entender que enquanto o discurso do mestre se estabelece no sentido de se manter a ordem e, conseqüentemente, garantir com que as coisas andem bem, contemplando e priorizando o imperativo trabalhe!, o sintoma, naquilo que ele se articula com o real, é o que marca o que não vai bem, isto é, aquilo que certamente irá travancar o trabalho.

É assim que Lacan irá atribuir à greve um valor de sintoma e é também neste sentido que podemos considerar que as paralizações e manifestações que estamos tomando por referência tiveram/têm este valor de greve, na medida em que, em nosso entender, estariam apontando, em primeira instância, para um

questionamento daquilo que está posto, ou ainda, denunciando aquilo que se pode entender enquanto furo da 'bela ordem' capitalista.

Se assim as tomarmos, entendemos que as mobilizações, paralizações ou greves, se apresentam como uma possibilidade de fazer sintoma social, justamente por não se apresentarem enquanto uma alternativa individual, ou seja, na medida em que o que se está buscando é uma saída coletiva. Quando Marx propôs a crítica e o desmonte da ideologia burguesa, “como signos a decifrar, quer dizer, como sintomas” (Askofaré, 1989/1997: 172), a verdade passou a ter a forma de sintoma. Com isso, Askofaré aponta que: “Os pensadores, considerados os “grandes homens”, não são os agentes de transformação; que a história é feita de contradição e de luta; que há o aparecimento de um novo agente histórico: o proletário e que ao contrário do que afirmava Hegel, são as massas que movem a história. O que Marx faz aparecer, são ‘as produções ideológicas como sintomas’”. (Idem: 173)

Este cenário também indica transformação no laço, pois a multidão não se agrupa referenciada a um líder, a um significativo mestre coletivizante, que situe a ordem simbólica da organização de uma sociedade. Em um ato histórico, os protestos provocam o mestre, questionam a sua autoridade, criam um vazio no campo da ideologia hegemônica (Žižek, 2012). Mas, será que o que queremos é outro mestre, como sugere Lacan (1969-197), na ocasião da ebulição das mobilizações 1968? O *Occupy*, por exemplo, defende um movimento sem liderança, uma ‘democracia horizontal’ que permita a participação de todos para que se crie uma mudança efetiva na sociedade, o mesmo vimos ocorrer nas movimentações brasileiras.

Concordando com vários estudos, acreditamos que a internet é fundamental nos acontecimentos desta ordem. Não é possível ignorarmos a disseminação e desapropriação da informação via redes sociais. Existem algumas discussões que criticam a fragmentação do saber em rede, mas este é outro ponto. Estamos aqui enfatizando a disseminação globalizada do sentimento de desencanto, comum a muitos e que ganham forças para pensar, agir e assim, sair das redes e ir à rua. De que outra forma isto seria possível, se pensarmos na ausência de neutralidade e de efetiva participação nos outros meios de comunicação?

O filósofo da informação, Pierre Lévy (1998/2007), sugere que a cibercultura pode possibilitar uma “inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências” (p. 28), a *inteligência coletiva*. O que acontece atualmente não tem esta pretensão de uma ‘administração geral’ onde todas as coisas possam ser discutidas e resolvidas a partir do ciberespaço. Entretanto, podemos afirmar que as redes sociais promovem algum efeito de desestabilização da ordem quando revelam um furo no sistema. A censura é um indicativo de que aí

poderia estar localizada a possibilidade de 'consciência social'. A Inglaterra, em agosto de 2011, ameaçou retaliação às mensagens entre smartphones a fim de impedir a organização de manifestações que irrompiam e em países, como China, Cuba, Coréia do Norte, Irã e Birmânia, censuram o acesso às redes sociais, às páginas com conteúdos divergentes da política local, os blogs de jornalistas, etc., em um esforço sem fim de inibir o acesso à troca de informação. No Brasil, muitas pessoas também denunciaram a exclusão de postagens em redes sociais na ocasião dos movimentos de junho de 2013. E por que tanto interesse em dificultar tais articulações?

Acreditamos que são estes laços que podem incidir no real, pois estão atados pelo sintoma, por aquilo que faz furo no social e, portanto, 'sintoma social'. São estes movimentos, deste nosso tempo, "que podem entrelaçar semelhantes que são dispares para alguma via de efetiva realização que, para-além do efêmero das agregações, possa inventar modos de vínculo que, cada qual se autorizando de seu desejo, apostem em projetos coletivos ideais" (Gallano, 2011: s/p.). Se temos desejo e meio, o que nos falta para agir?

Referências bibliográficas

- Askofaré, S.** (2009) Da subjetividade contemporânea. *A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade*, v.1, n.1 (pp.165-175). São Paulo, SP, Brasil: Educ.
- Askofaré, S.** (1997) O sintoma social. Em: Goldenberg, R. (org.). *Goza!: Capitalismo, globalização, psicanálise* (pp.164-189). Salvador, BA, Brasil: Ágalma.
- Bauman, Z.** (2004) *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar.
- Bauman, Z.** (2007) *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar.
- Freud, S.** (2006) Totem e tabu. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XIII. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1913)
- Freud, S.** (2006) Psicologia de grupo e a análise do ego. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1921)
- Freud, S.** (2006) O Futuro de uma ilusão. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1927)
- Freud, S.** (2006) O Mal-estar na civilização. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXI. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1930)
- Freud, S.** (2006) Por que a guerra? *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- Freud, S.** (2006) Moisés e o monoteísmo: três ensaios. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Imago. (Originalmente publicado em 1939)
- Gallano, C.** (2011) *El amor en la quiebra de los vínculos sociales*. Recuperado em 02 de julho de 2012, em: <http://www.foropsicoanaliticomadrid.es/downloads/El-amor-en-la-quiebra-de-los-vs.pdf>
- Lacan, J.** (1992) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar. (Originalmente proferido em 1969-1970)

- Lacan, J.** (1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em: *Escritos* (pp.238-324). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Jorge Zahar.(Originalmente proferido em 1953)
- Lacan, J.** (1974) *A terceira*. Seminário com publicação inédita.
- Lacan, J.** (1974-75) *RSI, O seminário*. Seminário com publicação inédita.
- Lévy, P.** (2007) *A inteligência coletiva*. São Paulo, SP, Brasil: Edições Loyola.
- Pacheco Filho, R. A.** (2012) *O frenesi teórico sobre o sujeito do capitalismo tardio*. Inédito.
- Quinet, A.** (2002) A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade. Em: Viana, N. (org.). *Psicanálise, capitalismo e cotidiano* (pp.32-38). Goiânia, GO, Brasil: Edições Germinal.
- Safatle, V.** (2012) Amar uma ideia. Em: Harvey, David et al. *Occupy* (pp. 45-55). São Paulo, SP, Brasil: Boitempo: Carta Maior.
- Sloterdijk, P.** (2012) *Crítica da razão cínica*. São Paulo, SP, Brasil: Estação Liberdade. (Originalmente publicado em 1983)
- Turkle, S.** (1995).*Life on the screen: Identity in the age of internet*. New York, NY, EE.UU: Simon & Schuster.
- Turkle, S.** (2011) *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*.New York, NY, EE.UU: Basic Books.
- Žižek, S.** (2006) *A Subjectividade por vir: ensaios críticos sobre a voz obscena*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.
- Žižek, S.** (1996) Como Marx inventou o sintoma? (1989) Em: Žižek, S. (org.) *Um mapa da ideologia* (pp. 297-331). Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Contraponto.
- Žižek, S.** (2012) O violento silêncio de um novo começo. Em: Harvey, D. et al. *Occupy* (pp. 15-25). São Paulo, SP, Brasil: Boitempo: Carta Maior.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

Rampim, K. & Ferreira-Lemos, P. (2013). Sujeito e sintoma social: da rede às ruas. *Revista Affectio Societatis*, Vol. 10, N.º 19 (diciembre 2013), pp. 60-70. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de: <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>